

A ALEGRIA DO URUBU

Viajando certa vez pelo interior de Minas Gerais, na zona da mata, vi uma cena que nunca mais esqueci. Estávamos em uma estrada com quase nenhum movimento, de vez em quando um veículo passava por nós. De longe, vimos uma quantidade enorme de urubus no meio da estrada. Estavam bem ocupados com um animal atropelado que ficou no meio da pista. Estávamos cada vez mais perto dos urubus e nenhum deles sequer se importava com a nossa aproximação. Diminuímos a velocidade, tivemos de desviar dos animais, pois eles simplesmente não saíram da frente. Fiquei impressionado com a cena: eles estavam tão concentrados com a carniça que não se importavam conosco. O motorista do veículo, que passava por ali constantemente, explicou o comportamento dos animais com muita simplicidade: “esses bichos estão acostumados com a morte, por isso não têm medo”. O curioso foi que, ao passarmos por ali, eu olhei para eles e tive a sensação de que estavam tão animados, tão felizes, tão dedicados com aquele trabalho, que nem se importaram conosco.

Daí por diante essa cena não saiu mais da minha mente e se tornou uma boa ilustração para um tipo de pessoa que se alegra com os mortos. Não propriamente os que morreram fisicamente, mas sim os que morreram emocionalmente ou espiritualmente. Gente que, no meio da estrada da vida, se feriu, adoeceu e morreu nas expectativas, esperança, fé ou mesmo razão para viver. Nessa hora, aparecem os urubus que se alegram em devorar o que restou... E, ainda que estejam em um ambiente cristão, ouçam a Palavra, cantem hinos sobre comunhão e estudem sobre temas de relacionamento, continuam devorando os mortos com tanta satisfação que nem se importam com as advertências divinas sobre ajudar, amar, ter paciência, misericórdia, compaixão, partilhar a dor e outros.

Como na estrada de Minas Gerais, em meio a nossa caminhada de fé, encontramos pessoas atropeladas pelas lutas e tristezas da vida e outras que se alegram com essa situação. Que triste! Pior quando um líder, seja na igreja ou fora dela, partilha dessa alegria pelos que estão caídos. Sua atitude acaba motivando outros e, em um ambiente de trabalho, familiar, na igreja ou em outro ambiente qualquer, se forma um bando de urubus, que se distraem com a morte de pessoas.

Pesquisei um pouco sobre urubus e descobri coisas curiosas, dentre elas, que o cheiro da carniça entorpece o urubu de forma que ele entra em um estado de concentração profunda até que o animal morto seja plenamente devorado. Não são poucos os casos de urubus que foram abatidos porque simplesmente não perceberam a aproximação de alguém. Essa é também a explicação para o fato de os urubus saírem voando sem orientação quando terminam de devorar sua presa. Imagine que coisa: ficar entorpecido com a morte do outro a ponto de colocar em perigo a sua própria vida.

Há pessoas que correm o mesmo risco. Alegres ou envolvidas demais com a morte de alguém, colocam em perigo sua própria vida. Correm o perigo de pecar, de esfriar na fé, de cultivar maledicência entre irmãos, de se tornarem pessoas malquistas no grupo, tudo porque estão muito animadas com a morte de alguém. Por outro lado, aquele que está semimorto, mas já com cara de morto, que foi ao chão depois de uma crise ou desistiu de lutar, perde qualquer rastro

de esperança quando os urubus chegam. E ao vê-los alegres, muitos destes simplesmente desistem de lutar pela vida. Alguns deixam a família, outros quebram o seu relacionamento com Deus e há aqueles que literalmente põem um fim à sua própria existência.

Quem está morto em suas esperanças, alegria ou motivação para viver precisa de uma injeção de vigor através de alguém que leve esperança nova, se apresente como um incentivador e amigo. Quem está morto espiritualmente precisa da mensagem viva do evangelho através do testemunho e relacionamento com alguém que não apenas conhece a Palavra, mas a vive através de ações e discurso cheio da vida abundante prometida por Jesus. Quem está morto emocionalmente precisa de misericórdia, paciência, demonstrações sinceras de amor e tempo de alguém que tenha um ouvido aberto para ouvir inclusive os lamentos da alma.

Não podemos ser como os urubus que celebram a morte de alguém. Longe de nós uma atitude de alegria com a dor e o desespero dos outros. Fomos chamados para celebrar a vida e para injetar ânimo naqueles que estão quase mortos ou participar da restauração dos que, caídos no chão, não têm mais qualquer força para reagir.

Que pelas estradas da existência humana sejamos os porta-vozes da vida, espantando os urubus e promovendo a paz!

Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez
Pastor Titular da Igreja Batista Betel
prgimenez@prgimenez.net
www.prgimenez.net